

Roteiro de tradutor: Direitos de autor reservados

Foi a proximidade mesma a Deus que o comoveu até as profundidades de seu ser. Ele não mais estava sozinho. Deus estava com ele e com o mundo inteiro. Deus estava em ele e Deus estava em cada criatura, e tudo era bênção.

Seu nome era Francisco, filho de um comerciante em tecidos e uma mãe de origem francesa, e moravam em Assisi, Itália aos fins do século XII e princípios do século XIII. Foi homem nascido à riqueza, um líder que sonhava com ser cavaleiro-andante e foi à guerra num alto corcel apenas para ser derrotado e feito prisioneiro, o que fez ele ser homem com o que hoje chamaríamos Síndrome de Estresse Pós-Traumático que o marcou pelo resto de seus dias até, cantando as palavras do salmo 142, oração do Davi numa caverna, “Tirai-me da prisão,” ele entrou no céu no alto corcel da pobreza Evangélica e em íntima união com Jesus Cristo, seu Senhor e Salvador.

Foi esse mesmo Jesus que se tornou para ele, e para todos seus seguidores, a proximidade de Deus. Pois Jesus era e é a proximidade de Deus. Ele é Deus feito um de nós, semelhante a nós em tudo menos o pecado. Ele é o mistério da encarnação de Deus, e esse mistério aprofundou-se para Francisco pelo fato de que esse Deus Encarnado pode encarnar-se em nós através da graça sacramental da Eucaristia, na qual comemos o corpo e bebemos o sangue de Cristo cujo efeito é intensificar a moradia de Deus em nós.

São Francisco não é teólogo medieval, mas uma figura da sabedoria, um *moshel moshelim*, um professor de sabedoria que usa provérbios, histórias, e rituais para mostrar-nos como podemos permitir que Deus transforme nossas vidas. Nisto, como em tudo, ele está seguindo os passos de Jesus, que é a plenitude de Deus entre nós.

Este mistério da plenitude da Encarnação de Deus é o ensinamento central que nos deixou San Francisco. E desse ensinamento central deriva-se mais seis ensinamentos de São Francisco, a saber, a graça da Pobreza Evangélica e como ela nos une a Deus e conduz ao terceiro mistério, que é como viver o Evangelho em nosso tempo e lugar. Esse viver o Evangelho conduz ao quarto ensinamento que é que nós devemos reformar a casa de Deus, que conduz ao quinto ensinamento que nós reformamos a casa de Deus fazendo a paz. E fazer a paz conduz ao sexto ensinamento, que a casa de Deus, a moradia de Deus, é toda criação. Então, na plenitude dos tempos, nosso viver esses ensinamentos conduz ao ensinamento final, que a alegria vem do humilde louvar a Deus e o serviço a Deus e a todos nossos irmãos e irmãs que não são apenas humanos mas todas as criaturas de Deus, animados e inanimados.

Esse simples mapa da vida é o porquê São Francisco ainda é escutado e seguido hoje em nosso mundo fraturado e dividido. O que ele ensina, se for vivido, traz alegria, que é o resultado da união com Deus que vive conosco e dentro de toda criação. Deus mora na criação mas também está separado da criação como seu Criador que existiu antes da existência do universo que Deus criou.

Os ensinamentos de São Francisco, então, tornam-se tanto uma teologia quanto um modo de viver. São uma teologia que emergem das escolhas concretas, práticas que ele fez no esforço de seguir nos passos de Jesus, que é o maestro e a personificação do que significa viver e amar em Deus.

Então, o que são essas experiências, essas escolhas que abrem e encarnam os ensinamentos abstractos na vida de São Francisco e em nossas próprias vidas enquanto nós atuamos sobre elas? E como é que nós, quando em sério atuamos sobre elas, os ensinamentos de São Francisco se desdobram como valências em contra das reações desenfreadas, negativas, imaturas que conduziram e continuam a conduzir às divisões e ódios que nos separam? Os ensinamentos de São Francisco nos permitem imaginar outro futuro y nos dá esperança; pois a esperança é a graça de imaginar um futuro mais positivo, mais amável e mais alegre que o mundo em que agora nos encontramos. Como São Francisco costumava decir aos seus irmãos: “Comecemos a fazer o bem, pois até agora não fizemos nada.”

Não dá tempo falar de todos esses 7 ensinamentos de Francisco, mas podemos examinar três deles com o propósito de falar sobre reconstruir a igreja em nosso tempo.

O primeiro ensinamento de que eu gostaria falar é: Fazer a Paz, Uma Justiça Social que faz belo aquilo que foi deformado.

Em toda criatura Deus nos é revelado: a beleza, a grandeza, a infinita variedade, a individualidade, e o mistério. Isso é o que São Francisco viu e o que ele nos ensina.

Mas algo deformou a beleza da criação de Deus, e esse "algo" é a injustiça. Segundo São Boaventura, o grande teólogo medieval franciscano, apenas a justiça pode fazer belo aquilo que foi deformado. A Justiça é então o caminho à paz, a paz interior, a paz entre as pessoas e a paz entre todas as criaturas de Deus.

Agora Francisco, naturalmente, não era filósofo, pensador, teólogo como São Boaventura. Ele era vidente, poeta. Ocupou a vida inteira tentando ver em vez de raciocinar. Sempre tentava ver sinais de Deus no mundo em torno. Ele tinha encontrado Deus nos leprosos, daí sabia que é preciso olhar intensamente para ver o mistério oculto em baixo das aparências das coisas. E por conta desse olhar intenso, ele aprendeu estar presente às coisas e às pessoas; ele era, entre outras

coisas, pois, um contemplativo, alguém que olha e olha intensamente. E isso é o primeiro passo em fazer a paz e reconciliação.

Francisco olhava intensamente, e olhava com reverência e com amor. Esse tipo de olhar suscita uma resposta afetiva nele, uma resposta de compaixão, de sentir com e/o que é visto. Ele é comovido. E é aquele movimento do coração que conduz à ação. Pelo menos conduz ao louvor; ou se aquilo que é visto está quebrado ou lastimado, conduz à necessidade de ajudar o outro. E essa necessidade de ajudar para Francisco não é mínimo. Ele testa os limites, por exemplo, vis-à-vis os leprosos. Não lhes dá apenas uma moeda ou comida. Ele vai e mora entre eles e, em suas próprias palavras, “faz misericórdia com eles.” É uma troca; ele faz misericórdia COM eles. Tanto ele quanto os leprosos experimentam misericórdia .

Esse dar e receber mutuo é, eu acredito, a base de toda pacificação franciscana. Superar essa vergonha ou medo, ou o que seja que impeça você abraçar os pobres e quebrados, você entra num mundo de doçura de alma que não é apenas “servir a se mesmo,” mas consegue uma reconciliação profunda de opostos que faz possível um laço novo e inesperado com o outro. E você quer ficar lá, não necessariamente em aquele espaço físico mas sim naquele espaço espiritual e psicológico onde o leão e o cordeiro se deitam juntos.

Nem tampouco o laço que resulta de fazer misericórdia é algo estático. Apenas perdura enquanto você continue a superar novas barreiras, cruzar fronteiras novas e temíveis, para que você mesmo se torne o lugar de reconciliação aonde você for. Esse tipo de pacificador portátil era Francisco.

O Papa Francisco fez concreto e tangível esse laço quando, numa conversa com sacerdotes, lhes deu o sinal do que significa cuidar as ovelhas. Vocês retornam, ele diz, fedendo como ovelhas. Esse é o tipo de ação que é pacificação. É trabalho realmente importante, muito duro, mas também traz junto a fragrância doce, a que anteriormente pensávamos era odor amarga e feia.

Cruzando fronteiras e superando barreiras, se for feito com amor, também traz uma nova visão de realidade que nos permite ter reverência para tudo o que é. Os primeiros seguidores de Francisco soíam dizer que ele costumava guardar luminárias, luzes e velas pela luz eterna que eles simbolizavam e que, de fato, estava dentro deles. Isso é um pouco exagerado mas isso também é o que ele é, alguém um pouco exagerado por causa de como e o que ele tinha chegado a ver. Sua visão foi mudada para que ele pudesse ver a luz de Deus radiando das criaturas de Deus, ainda nos seus últimos anos quando ele ficou efetivamente cego, resultado da doença que ele contraiu no Egito onde ele foi durante a Quinta Cruzada para tentar fazer paz e reconciliação entre Cristãos e Muçulmanos. Os cruzados mofavam dele; mas por surpresa o Sultão Malik al-Kamil escutava ele por mais de duas semanas e ficaram amigos, cada um deles abraçando aparentemente aquilo que achava estranho ou até repugnante no outro. Acabaram

escutando a verdade do outro. Isso é uma das histórias mais dramáticas da vida de São Francisco, relevante o suficiente hoje para merecer um docudrama filmado para televisão, “O Sultão e o Santo,” o qual, por permissão especial, terá seu estreio aqui nesta Convocação seis meses antes da sua aparição na PBS em dezembro.

E a história conta-se assim: Em 1219, no meio da Quinta Cruzada, Francisco foi a Damietta no Egito, não como pregador Cruzado para animar os Cruzados e seus confrades mas sim para pregar o Evangelho da paz ao Cardeal Cruzado Pelágio e ao Sultão, Malik al-Kamil. Quando os Cruzados mofaram dele e o mandaram embora, Malik al-Kamil o recebeu no seu acampamento e falou com Francisco por mais de duas semanas, de 01-26 de setembro. Os dois homens reconheceram no outro um desejo de paz e uma devoção aos seus textos sagrados, o Evangelho de Jesus Cristo e o Q'uran. Al-Kamil foi Muçulmano Sunni devoto e Francisco foi Cristão devoto.

Francisco tinha aprendido desde cedo que Deus nos surpreende em lugares inesperados, tais como entre os leprosos, e agora no acampamento do Sultão na corte mesma de Malik al-Kamil. A ousadia de Francisco em fazer a paz com as forças muçulmanas foi um desvio radical do *ethos* de seu dia, sobre tudo na Igreja, sendo que foi o Papa Inocêncio mesmo que declarou a Quinta Cruzada e a guerra contra o Islã para a recaptura da Terra Santa para a Igreja.

Francisco, sempre obediente à Igreja hierárquica, foi pregador e professor fiel dos decretos do Quarto Concílio Laterano de Inocêncio III, especialmente àqueles tocando à Eucaristia. Mas com respeito à Cruzada, Francisco e seus seguidores calam qualquer apoio. Francisco aborreceu a guerra, e chegou a acreditar que aqueles que nós chamamos de “outro,” incluso aqueles que consideramos nossos inimigos, são realmente nossos irmãos e irmãs.

Malik al-Kamil também é homem que deseja a paz e repetidamente demandou a paz mas foi rejeitado pelos Cruzados, especialmente aqueles sob o Cardeal Pelágio. Quando Francisco sai do acampamento do Sultão, al-Kamil lhe presenteia um belo corno de marfim que Francisco usa para convocar à oração. Ele também pede que Francisco reze para Deus mostrar-lhe o caminho.

E quando Francisco retorna à Itália, acrescenta à sua Regra de 1221 as seguintes provisões a respeito daqueles que vão entre não-crentes: “os irmãos podem ir e morar entre eles como bons Cristãos, e/ou se for vontade de Deus, podem pregar o Evangelho.” A frase “se for vontade de Deus” é interessante neste contexto porque é parecido à muito repetida frase muçulmana, *inshallah*, “se Alá quiser.” Esses dois acréscimos à Regra podem ser uma das origens do ditado moderno atribuído a São Francisco, mas que ele na verdade nunca falou, “Prega sempre; se é necessário, usa palavras.”

Também, quando Francisco viaja 100 milhas ao norte de Assisi a Monte La Verna dois anos antes da sua morte, ele leva o Sultão Malik al-Kamil junto no seu coração, o qual está em luto por al-Kamil e todos os Cristãos e Muçulmanos que serão envolvidos numa nova Cruzada que o Papa Honório III está contemplando. Com estes pensamentos na sua mente em La Verna, Francisco compõe seus Louvores a Deus que se parecem os 99 Belos Nomes de Deus no Islã. No dorso dos Louvores a Deus Francisco abençoa ao irmão Leo, e logo traça a cabeça de um homen com turbante que acredita-se ser Malik al-Kamil, Da boca deste emerge uma cruz Tau, o Tau sendo para Francisco um sinal da paz, a diferença de seu simbolismo na Igreja da época que é sinal da cruz do punho de espada Cruzada. Carregar a cruz na Cruzada significa empunhar a espada contra os infiéis.

Francisco propõe o sinal da Tau como símbolo da paz, mais uma vez resistindo o significado aceito da Tau durante a Quinta Cruzada. Francisco vê a paz e fazer a paz como caminho de fazer belo aquilo que a guerra e a violência deformaram.

O Segundo Ensino que quero explicar aqui é: Justiça Ambiental: A Criação como Moradia de Deus. A Criação, o ar livre é lugar da liberdade onde as leis estão baseadas em relacionamento em vez de senhorio, em nutrir em vez de superar e dominar. É mais lugar de relacionamento Trinitário do que relacionamento hierárquico, de aberturas e não fechaduras.

Como escreveu o poeta Gerard Manley Hopkins, "Lá no fundo moram as coisas mais frescas," porque Deus mora no fundo de tudo o que é. Francisco soube primeiro desta verdade no encontro com Cristo nos leprosos. Se Deus pôde morar em alguém que parecia repugnante ao jovem Francisco, alguém rejeitado por outros, então Deus pôde morar e estar presente a nós num filho de pobre carpinteiro de Nazaré.

Mais meditação convenceu Francisco que Deus mora em tudo o que Deus criou; daí nada é mau em si, e tudo merece reverência e respeito por causa de seu Criador. É mais, toda criatura é feita sagrada na Incarnação, o mistério da presença de Deus entre nós em Jesus. Jesus santificou toda criação tornando-se, a pesar de ser Deus, parte das criaturas animadas e inanimadas. Ele fez sagrados os quatro elementos de terra, água, ar e fogo.

Este discernimento de Francisco foi soletrado e aberto pelo grande filósofo/teólogo franciscano medieval, Beato João Duns Escoto. Ele chamou este discernimento de Predestinação Absoluta e Primazia Universal de Cristo. Duns Escoto rejeitou o ensinamento prevalente nesse tempo que a Incarnação foi resultado do pecado de Adão, que Jesus veio porque Adão pecou, e porque nós precisávamos de ser salvos. Duns Escoto rejeitou esta forma de pensar, alegando

que era inconcebível que a Encarnação pudesse depender de algo tão negativo como o pecado. Ele escreve:

Eu digo então que a Queda não foi o motivo da predestinação de Cristo. Mesmo que nenhum anjo tivesse caído, nem ser humano, ainda assim Cristo teria sido predestinado – sim, ainda se nenhum outro teria sido criado, apenas Cristo.

Parisiensia, III, VII, 4.

Essas palavras de Duns Escoto estabelece Cristo como a cumbre da criação, contendo em si os padrões de tudo o que é criado, e como a intenção primária de Deus em comunicar as perfeições de Deus. O poeta jesuíta Gerard Manley Hopkins, que foi profundamente influenciado por Duns Escoto, fala nos seus escritos espirituais: “A primeira intenção de Deus, fora de si mesmo, ou como dizem, *ad extra* (para fora), a primeira “outstress” do poder de Deus, nas palavras de Hopkins, foi Cristo” (S,197). Isso significa, simplesmente, que Cristo é ideado pela Trindade, independente do pecado e a redenção.

Assim, para Escoto, a Encarnação é um ato de amor que teria tomado lugar de alguma forma ou outra, havendo ou não o pecado. Como disse um escritor franciscano, Deus como Deus no era capaz de executar o ato de uma natureza inferior; daí desde toda eternidade Deus ideava tornar-se criatura para expressar esse aspecto do amor de Deus que era impossível para Deus a sós, a saber, amar-se a Si mesmo desde dentro da sua criação.

Duns Escoto o descreve assim: Cristo é o primeiro nas intenções de Deus. É Cristo que é infinitamente capaz de render a Deus glória suprema e amor perfeito. Cristo é o primeiro de ser concebido na mente do Criador em projetar um plano criativo. Cristo é ideado livre e amavelmente em Deus, não como improvisação ou segunda adivinhação apenas para consertar uma ruptura pecaminosa. Como o expressa São Paulo em Colossenses 1:15-20,

[Cristo] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois é nele que foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, os seres visíveis e os invisíveis, tronos, dominações,

principados, potestades; tudo foi criado através dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência. Ele é a Cabeça do corpo, que é a Igreja; é o princípio, Primogênito dentre os mortos, de sorte que em tudo tem a primazia. Pois Deus quis fazer habitar nele toda a plenitude e, por ele, reconciliar consigo todos os seres, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dele, por seu sangue derramado na cruz.

Vejam então, é porque Cristo foi o adorador e amador perfeito de Deus, a ponte perfeita entre criaturas e o Criador, que ele pôde atravessar o vão criado pelo pecado. O pecado não era o primeiro na intenção de Deus, mas porque nós pecamos, quando Deus vêm entre nós, a perfeita adoração de Cristo é seu perfeito sacrifício. Ele não veio para consertar o pecado; Ele veio para ser a criatura primogênita perfeita; mas porque nós pecamos, Cristo nos mostrou quão grande é o amor de Deus: Deus não apenas se torna um de nós, mas ele morre conosco e por nós, fazendo a paz por sua morte na cruz.

O Terceiro Ensino é a Alegria do Louvor Humilde e o Serviço. Albert Einstein escreveu:

O ser humano é parte do todo, chamado por nós de “Universo,” uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experimenta a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto – uma espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Esta ilusão é uma espécie de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais e ao afeto por pessoas mais próximas a nós. Nossa tarefa deve ser a de nos

livrarmos dessa prisão, ampliando nosso círculo de compaixão para abraçar todas as criaturas vivas e toda a Natureza em sua beleza.

[Carta ao Dr. Robert S. Marcus, 12 de fevereiro, 1950]

Dois anos antes de morrer, Francisco foi concedido a graça de ver o quadro inteiro do qual fala Einstein nesta cita, o quadro inteiro em vez de apenas o seu próprio quadro fragmentado, o mundo dele e de seus seguidores, as pessoas que ele encontrou no caminho, as preocupações do seu próprio mundo pequeno. A Física deve tornar-se primeiro uma espécie da Metafísica. Como observou o físico do século XX David Bohm, “Devemos dar a volta à Física; em vez de começar com as partes e mostrar como elas se relacionam, devemos começar com o todo.” Essa é a visão de São Francisco, e isso é como o sabemos.

Depois de receber as sagradas estigmas em 1224, dois anos antes da morte, Francisco voltou a Assisi . Mas não foi à sua querida Porciúncula, Santa Maria dos Anjos, mas sim a São Damiano onde moravam Clara e suas Irmãs, e onde ele ouviu por primeira vez a voz de Cristo na cruz dizendo “Francisco, vá e repara minha igreja que, como vês, está caindo em ruínas.” E isso é o que ele tinha tentado fazer, sua vida na terra agora chegando ao seu fim.

Ele estava efetivamente cego da tracoma que tinha contraído em Damietta, no Egito, durante sua estadia lá no meio da Quinta Cruzada. Estava sangrando também das feridas de Cristo. Ele estava tão débil que ficou deitado em tormenta por mais de cinquenta dias numa pequena barraca ao lado do mosteiro das monjas de São Damiano, com ratos de campo correndo por seu corpo emaciado. Quão terrível deve ter sido as memórias da sua prisão em Perugia!

Nisso, quando ele estava no seu ponto mais profundo de desespero, uma voz e uma visão mais uma vez engraçou sua vida minguate. Imaginem esse cenário:

Mais uma vez, escuridão. E dor. Desta vez nos olhos. Doem tanto que ele não consegue descansar, nem dormir nem rezar. Mais uma vez ele está em prisão, e está com medo, mesmo aqui nesta pequena barraca ao lado de São Damiano que Clara e as outras Damas Pobres prepararam para ele.

Ele está tão cansado. Faz apenas um mês que ele voltou ao Vale de Umbria após a longa, dolorosa viagem de La Verna. Já não pode caminhar. Teve que montar a burro desde La Verna por causa da dor dos cravos nos pés, cravos da paixão de Cristo. Cravos também nas mãos, e uma ferida no lado. Todos eram presentes de amor do seu Querido – Jesus, seu Senhor e Deus.

Acima destas cargas, está deprimido, não pela dor, nem pelos olhos cegos que não toleram a luz do sol de dia, nem mesmo de uma vela de noite, sem

sangrar. Essa dor ele consegue aguentar. Mas o sofrimento adicional que o deprime vem da direção a que os irmãos estão levando a Fraternidade. Eles estão construindo casas, contrário à Regra, e parece que eles estão constantemente adquirindo mais livros, como se a Salvação vem de livros e o conhecimento que eles nos dá. Em tudo isso eles estão abandonando a Senhora Pobreza, assim como o único conhecimento que importa, o conhecimento de Jesus Cristo.

E agora, também, como nessa terrível prisão Perugiana, ele não consegue descansar por causa dos ratos de campo que há cinquenta dias estão rastejando por seu corpo, e ele na escuridão, sua memória engrandecendo e exagerando o que ele não pode ver.

Ele sangra na alma e corpo. E numa dessas noites, o desconforto está quase mais do que ele pode aguentar. Ele clama a Deus, “Socorre-me, O Deus, dessa dor e sofrimento. Ajuda-me a tolerá-lo pacientemente!”

E o Senhor escuta ele. Francisco escuta a Voz de novo na profundidade da sua alma.

“Francisco, meu irmão, escuta minha voz. Se a terra inteira e o tecido do universo se tornasse oro puro e pedras e seixos se tornassem joias, e tua dor fosse removida, e então, acima disso, e como prêmio por toda tua dor e sofrimento, te fosse dado um tesouro tão precioso que nem oro e joias preciosas mereceriam menção, não te alegrarias e suportarias de boa vontade o que agora suportas?”

”Oh, sim, Senhor. Estaria feliz e cheio de alegria e regozijaria com toda a minha alma!”

“Então, Francisco, regozija e sé alegre. Tua doença e sofrimento é a garantia, a promessa do meu Reino. Pelo mérito da tua paciência e longo sofrimento, podes estar firme e seguro que estás no meu reino.”

Isso é o reino: tudo transformado num céu e terra novo, e nós vendo por fim uma criação transformado. Foi assim que Francisco chegou a escrever “O Cântico das”Criaturas,” o que contém o sétimo ensinamento de São Francisco, A Alegria do Humilde Louvor de Deus. Assim que, de manha ao dia seguinte, a voz agora calada, Francisco disse aos irmãos o que tinha acontecido, e depois falou, “Assim sendo, para glória de Deus, para minha consolação, e para a edificação dos outros, quero compor uma nova “Abalanças de Deus” para todas as criaturas de Deus. Diariamente nós deixamos de apreciar tão grande benção por não louvar como devemos o Criador e distribuidor de todos esses dones.” Ele se sentou, concentrou, e logo gritou:

Cântico das Criaturas

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.

Só a Ti, Altíssimo, são devidos,
E homem algum é digno de Te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as Tuas criaturas,
Especialmente o Senhor Irmão Sol,
Que clareia o dia e com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante com grande esplendor
De Ti, Altíssimo é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste elas
Claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado ou sereno, e todo o tempo
Pelo qual às Tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Água,
Que é mui útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite
e ele é belo e jucundo e vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã a Mãe Terra
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos e coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por Teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem aventurados os que sustentam a paz,
Que por Ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã a Morte Corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!

Felizes os que ela achar conformes á tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade

Ele também compôs uma melodia para acompanhar essas palavras, a qual ensinou aos seus irmãos. Ele **cantou** criaturas; elas eram sua canção, pois, como o poeta e místico inglês, William Blake, Francisco foi “uma criança divina cujos brinquedos eram sol, lua e estrelas, os céus e a terra” (Gilchrist, *Life of Blake*).

Num sentido, o que a voz em Sao Damiano falou a Francisco era o que Francisco já sabia, que abaixo do que aparece na superfície está o ouro precioso do que tudo realmente é: a preciosa criação de Deus. E ainda mais grande que a coisa criada é sua re-criação na eternidade. Tudo será um novo céu e uma nova terra e tudo está lutando para tornar-se assim mesmo agora. E os seres humanos que se unam a esses sofrimentos, às dores do parto, de toda criação se tornam transformados através da sua paciência e longo sofrimento e veem logo que o futuro reino de Deus já está sendo realizado em e com eles. Pois tudo sofre mudança, e apenas os seres humanos que podem ver e compreender podem abraçar de boa vontade essa mudança, mesmo quando ela envolve escuridão e sofrimento.

O que Francisco veio a crer sobre tudo isso, e especialmente sobre a interligação de todo o universo, ele agora sabe com certeza pela visão que lhe foi dada na sua célula escura de sofrimento em São Damiano. E essa revelação, essa voz, lhe dá como expressá-lo, a saber, através dum cântico, um poema cantado em louvor a Deus através, em, para e por meio das criaturas de Deus, as quais têm se tornado seus irmãos e irmãs, animadas e inanimadas.

E assim ele diz a seus irmãos que vai cantar uma NOVA canção em louvor a Deus em cujo reino nós já moramos, e cuja perfeição será revelada quando abracemos nossa irmã A Morte Corporal que nos encontrará na santa vontade de Deus.

Francisco respondeu à voz revelatória dizendo que ele alegremente abraçaria seus sofrimentos e dores, sabendo agora com certeza que eles serão a promessa de entrar no reino de Deus da indolor e perfeita interligação entre todas as coisas criadas.

Francisco sabia que isso era verdade como resultado de toda uma vida de aprender a viver com todas as criaturas, amando-as e dando graças a Deus por eles. E agora, dois anos antes de abraçar a Irmã Morte, Deus assegura Francisco e nós que tudo pertence a tudo o demais, e tudo pertence a Deus. Daí tudo é sagrado e merecedor de cuidado, de reverência, e duma canção em louvor a Deus.

Francisco agora sabe expressar o que tinha sabido por muitos anos mas não sabia que sabia até que escutou a voz de Deus e começou a cantar, cada palavra mostrando o que não sabia que sabia. E essa canção lhe deu grande alegria no compor e no cantar, como tenho certeza que esses estrofes do poema de Emily Bronte deu para ela:

Eu não tenho a alma covarde,
Pois frente aos vendavais, eu nunca tremo:
O Paraíso brilha, arde,
Como a fé, pela qual eu nada temo.

Deus, meu peito Te abrigou.
Deidade poderosa e onipresente!
Vida – que em mim repousou.
Como eu – Vida Imortal – em Ti, potente!

....

Se a Terra e a lua findassem,
Se não houvesse sóis nem universos,
E se, só, Te abandonassem,
Haveria existência em Ti, por certo.

A Morte não tem lugar,
Nem pode um único átomo abater:
És o Sopro mais o Ser
Nada pode jamais Te exterminar.*

Deus é. E cantar Deus é viver para sempre.

*<http://hotblog7faces.blogspot.com/2013/12/tres-poemas-de-emily-bronte.html>